

As Maravilhas de Assis

Raimundo Mesquita (*)

Uma explicação necessária sobre a Série

Tenho recebido algumas perguntas, quase admoestações, sobre o título que escolhi para esta série: "novos, por que?... Sérgio Barani, já é um produtor veterano, você mesmo disse que ele compareceu a todas as exposições da Orquidário, que, desde o início, já expõe a, pelo menos, 11 anos, por que, então, chamá-lo de "novo"?

Por que não intitular a série, simplesmente, de "Produtores" e seguir incluindo todos por este Brasil afora?"

Adotei o título para a série tendo em vista o propósito de tratar de pessoas que, para muitos dos nossos sócios, não são conhecidas como os proprietários dos antigos ou grandes orquidários comerciais brasileiros, que são, ou foram referências, como BINOT, o mais antigo, FLORÁLIA, que, com Rolf Altenburg, significou um padrão de qualidade e inovação, ARANDA, aqui no Rio, que tem revolucionado o conceito de comércio de orquídeas, ou, quando vivo, Ademar Manarini, com o inovador EQUI-LAB, ou os japoneses de São Paulo, com sua escala gigantesca e produção unicamente preocupada na qualidade da cultura com sentido econômico de produtividade e de evitar perdas e desperdícios, assim como com a finalidade decorativa da flor que se torna praticamente um objeto descartável e sem a sofisticação que é apanágio da nossa orquidofilia, ou, mesmo, um ORQUIDÁRIO DOS PINHOS, também de São Paulo, que

consegue unir, na sua produção, qualidade e quantidade. Assim, também, o Orquidário ROBERT, do Paraná, FLORABELA, do Espírito Santo, SANDER e RICSEL, no Rio Grande do Sul.

Meu propósito, em suma, foi o de ir incorporando a essa Galeria de "clássicos", nomes que tem contribuído enormemente para a promoção da orquidofilia, mas que, ainda, não são muito conhecidos fora do restrito meio orquidófilo.

Assim é que faço, agora, com Antônio Schmidt, o Toninho, que, como não poucos sabem, é o dono da CHÁCARA BELA VISTA, de Assis, SP, e que adotou, recentemente, o sofisticado apelativo de BELA VISTA ORCHIDS, o que significa, na verdade, a internacionalização desse modelar estabelecimento, dedicado, basicamente, a flora orquidácea nativa do Brasil.

Segue a entrevista que, recebtene, ele me concedeu.

Como você começou com orquídeas? É uma tradição de família, ou você é o primeiro?

Meu começo com orquídeas foi aos 7 anos, quando meu pai adquiriu um livro chamado Iconografia das Orquídeas do Brasil ⁽¹⁾ e eu fiquei fascinado

(1) A referência é feita à monumental obra de Hoehne, com o título mencionado, publicada pela Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo.

pelas ilustrações. Como nós tínhamos um viveiro de mudas ornamentais e uma pequena coleção de orquídeas, eu comecei a identificá-las, comparando-as com as fotos do livro pois, nesta época, eu estava aprendendo a ler e apenas



Chamaeleorchis warscewiczii (ex *Miltonia warscewiczii*)

ensaiava os primeiros cultivos.

E a atividade de comércio de orquídeas?

Por já estarmos ligados ao comércio de plantas, o interesse de clientes por orquídeas levou-nos a ampliarmos nossa coleção, através de compras de orquídeas, compras de coleções antigas e coletas. Isto ocorreu por volta de 1965. Em meados de 1970, devido ao interesse de estrangeiros por nossas orquídeas, houve a necessidade de termos plantas em maior quantidade o que levou-nos a montar um laboratório para reprodução das espécies.

Por que você escolheu trabalhar, com tanta ênfase, com gêneros e espécies, inclusive como algumas aparentemente pouco atrativas comercialmente?

A escolha por trabalhar com

espécies foi pessoal e também está relacionada com o livro *Iconografia das Orquídeas do Brasil* pois eu sempre quis produzir as plantas citadas nele, ou seja, espécies brasileiras, principalmente aquelas pouco conhecidas. Por ter me identificado com espécies passei também a produzir algumas estrangeiras, principalmente as da América do Sul. Só que não é possível viver de sonhos então também passei a produzir algumas plantas atrativas (cuja flores são grandes) e híbridos. Felizmente tive sorte, pois o mercado pendeu para esse tipo de plantas que atraem principalmente os estrangeiros e os colecionadores que são meu público alvo.

E com Catasetum, quando os descobriu e começou a relação especial de preferência e intensificação de cultivo?

Os catassetos, assim como as outras espécies nativas, fazem parte do meu sonho e sua diversidade de espécie e variedade levou-me a iniciar uma coleção. O surgimento de flores femininas propiciou a produção de catasetuns e devido ao meu convívio com os taxonomistas, esses me orientaram a fazer alguns cruzamentos para esclarecer dúvidas sobre algumas espécies novas que estavam surgindo. Isto ocorreu por volta de 1994, época em que pensávamos fundar uma associação de catasetíneas de onde surgiu a ABRACC (Associação Brasileira de Cultivadores de Catasetíneas). Como os híbridos são do interesse dos colecionadores, passei a produzir então novos híbridos, sendo que hoje devo ter aproximadamente 150 híbridos de catasetuns que deverão estar florindo nos próximos 2 anos.

Fale das suas práticas de cultivo e das que adota na Chácara Bela Vista?

Como prática de cultivo eu creio que haja uma evolução constante. Hoje eu cultivo bem melhor que há 1 ano



Catasetum schmidtianum

atrás e sei que daqui para a frente cultivarei sempre melhor. Nós que trabalhamos com uma diversidade muito grande de espécies, vamos descobrindo dia a dia que cada uma tem sua peculiaridade e estamos em constante mudança para atingimos o ideal de cada espécie. Adotamos sempre uma média para cultivo no geral e fazemos algumas alterações de espécie para espécie, pois é inviável economicamente dar um tratamento distinto para cada espécie. Procuramos separar as espécies em grupos de acordo com a semelhança no cultivo, como por exemplo os catasetuns que precisam de repouso no inverno, ou as plantas amazônicas que não resistem a baixas temperaturas e necessitam de ambiente aquecido.

Externe sua opinião sobre o comércio de orquídeas no Brasil? Sinceramente, você aconselharia alguém a seguir o seu exemplo?

O comércio de orquídeas no Brasil

deixa muito a desejar em vários aspectos: a própria cultura do povo, o baixo poder aquisitivo, falta de marketing, de literatura, de uma integração entre os produtores para uma maior diversidade dos negócios, pois quando alguém começa a produzir uma determinada espécie que poderá lhe dar algum lucro, outros também começam a produzir a mesma espécie, do que resulta negócio muito pouco lucrativo para todos. O conselho que eu dou para quem deseja investir em orquídeas é que o faça pelo prazer de cultivar tão belas plantas, porque se o objetivo for ganhar dinheiro, o melhor é buscar outro caminho. Eu não conheço ninguém que tenha ficado rico produzindo orquídeas no Brasil.



Cattleya Small World (aclandiae x luteola)

Pergunta: Existe, na sua opinião, algum "nicho" não explorado, ou pouco explorado, no comércio de orquídeas?

Há no mundo aproximadamente 25.000 espécies de orquídeas e eu acredito que nem 5% delas são exploradas, então há vastos 95% a serem explorados e eu também posso dizer, como produtor de plantas de pouco interesse comercial, que há comprador para todas as espécies sem exceção, porém umas são mais procuradas que outras. O mundo das orquídeas é maravilhoso e se alguém quiser se aventurar a explorar o que ainda está obscuro que o faça com muito critério



Cattleya H. G. Selfridge (violacea x aclandiae)

ou que conte com a sorte como fazem os garimpeiros.

Diga da experiência de um cultivador-comerciante fora dos grandes centros consumidores de flores? Como a cidade de Assis tem lhe tratado?

Eu resido aqui em Assis, que é distante dos grandes centros consumidores, mas sei que ter um viveiro de plantas no interior do estado é bastante difícil por vários fatores: difícil acesso ao mercado consumidor, aos insumos, ao transporte, às autoridades (Ibama e Ministério da Agricultura), etc. Tudo isto torna muito difícil o comércio de orquídeas, o que nos levou a optar pelo sistema de vendas via postal que é um meio pelo qual conseguimos atingir todo o território nacional além do exterior. Assis tem me tratado muito bem como cidadão, porém o comércio de orquídeas é pouco significativo na cidade, mas nós temos um departamento de plantas ornamentais que é muito bem aceito em Assis e na região.

A mudança de denominação, de Chácara Bela Vista para Bela Vista Orchids, tem a ver com a sua entrada no comércio exterior? O comércio externo, a pesar de difícil como se sabe, tem sido compensador para um comerciante de espécies, algumas até pouco decorativas? Você vê perspectivas?

A denominação Chácara Bela Vista ainda permanece como oficial. Denominamos Bela Vista Orchids a área da empresa dedicada especificamente às orquídeas. A adaptação da palavra orquídeas para o inglês "Orchids" teve o intuito de abranger outros idiomas, pois, com nossa entrada no comércio externo, precisávamos de uma denominação que fosse compreendida em vários países já que fazemos só um catálogo porque a denominação latina das plantas é universal. Para um comerciante de espécies, o mercado externo representa uma fatia a mais nas vendas, pois essas plantas são direcionadas a colecionadores que, no exterior, existem em maior número que no Brasil. Só que há uma grande dificuldade de atingir esse público, por causa dos entraves burocráticos, alfandegários, barreira cultural, desconhecimento de nossas espécies, etc. Eu vejo grandes perspectivas de melhoras se nossas autoridades facilitarem as exportações, descentralizando a emissão do CITES e do Certificado Fitossanitário, por exemplo. Só que não acredito em mudanças tão cedo, pois sou um dos poucos produtores do interior e não há vontade política para melhorias.



Visão da estufa de Catasetum. Observem o tipo de cobertura, com filme plástico, permitindo insolação quase plena. Entre as bancadas o cultivador Antonio Schmidt